

### 3. A ANOREXIA NERVOSA EM NOSSOS DIAS

A partir do final do século XX a anorexia nervosa passou a ter maior notoriedade, tanto nos meios científicos quanto na sua difusão pela mídia. Estudos atuais revelam também que a anorexia nervosa é mais prevalente em países ocidentais e mais frequentemente encontrada em mulheres jovens, especialmente naquelas pertencentes aos estratos sociais mais elevados, em que a magreza como ideal estético é predominante (Hsu, L. K., 1996 *apud* Morgan & Azevedo, 1998). Não podemos ainda deixar de ressaltar o crescimento do interesse pelo tema atualmente. Desta forma, a anorexia nervosa, antes pouco comum, passou a ser encontrada nos consultórios psicanalíticos numa frequência consideravelmente maior nas últimas décadas. Ainda que se mostre uma questão atual, vimos que a problemática anoréxica não surge nas últimas décadas, tendo sido relatada em séculos passados.

Assim, embora anorexia nervosa não seja inicialmente um conceito psicanalítico, a psicanálise em muito contribuiu para seu entendimento. A discussão psicanalítica sobre a anorexia nervosa foi aprofundada, não apenas como resultado de uma maior sofisticação da rede conceitual, mas também como efeito de uma maior incidência de relatos de anorexia. Assim, vimos que a anorexia nervosa passou por diferentes momentos na psicanálise e que levaram a uma compreensão diferenciada destes casos no que se refere aos aspectos psicodinâmicos. Didaticamente, dividimos o estudo da anorexia pela psicanálise em dois momentos: o primeiro que abarca a relação com a oralidade e tem como representantes Deutsch e Fenichel, e o segundo que privilegia a relação mãe-filha e tem início a partir da herança kleiniana.

Durante a década de setenta o conceito da anorexia passou a estar vinculado à preocupação com o peso e desejo de emagrecer, já que psiquiatras e psicólogos tinham a preocupação em especificar cada vez mais o que se caracterizaria como um caso desta patologia. É oportuno mencionar que neste mesmo período o cenário social se modificava. Podemos então observar dois movimentos acontecendo paralelamente. De um lado, a anorexia nervosa se consolidava enquanto uma doença apresentada principalmente por mulheres que desejavam emagrecer e que se preocupavam com as formas corporais. E por outro lado, o padrão de beleza se firmava com a busca pela magreza e pelo desejo de se

obter o corpo-ideal. Temos aí o exemplo da Twiggy, modelo esquelética e também admirada e desejada. Podemos mencionar ainda o movimento feminista que, tendo ganhado força em sessenta, permitiu que as mulheres passassem a buscar sua liberdade, pregando a igualdade de direito para os sexos e levantando questionamentos relativos à representação de mulher na sociedade e ao controle de seus corpos como modelo para o controle de suas próprias vidas.

Contudo, podemos notar que o contexto em que ocorria a anorexia não era mencionado pela literatura psicanalítica deste período, e por outro lado, era apenas a literatura psicológica desta patologia que trazia referências que abarcavam as mudanças ocorridas na sociedade. Assim, nesse enfoque que se distancia da psicanálise, a ênfase na magreza relacionada à anorexia nervosa é estudada numa perspectiva socio-cultural que procura esmiuçar o papel da mulher e do corpo magro na sociedade atual. Assim, temos autores como Garner & Garfinkel (1980), que sem abordar qualquer aspecto subjetivo e psicológico, mostram que o aumento da incidência da anorexia nervosa é concomitante à evolução do padrão de beleza feminino em direção a um corpo cada vez mais magro (*apud* Morgan & Azevedo, 1998). Uma outra abordagem é dada por Orbach (1978, *apud* Wilson, 1982-83) que, embora não se aproxime das causas psicodinâmicas, concluiu que a gordura é um protesto individual contra a desigualdade dos sexos e assim, estar magra marcaria uma diferença fundamental entre homens e mulheres numa perspectiva feminista. Hercovici (1997) supõe que se as dietas não fossem tão comuns, a anorexia nervosa não seria tão frequente. A isso se associa a insatisfação das mulheres em relação aos seus corpos e a busca por um modelo que, sendo ideal, não é alcançado.

Desta forma, até o final da década de oitenta, os estudos sobre a anorexia parecem estar divididos entre aqueles que enfatizam os aspectos do contexto, e aqueles que se concentravam nos aspectos subjetivos, o que indica que eram vistos como aspectos dissociados. No entanto, a partir da década de noventa observamos uma mudança no que concerne ao entendimento da anorexia nervosa, uma vez que os autores passam a discutir não só questões intrapsíquicas e inter-relacionais, mas também enfatizam o contexto sócio-cultural e as mudanças ocorridas na sociedade. Sendo assim, concordamos com Mendlowicz (2002) que diz que:

A construção metapsicológica freudiana, embora às vezes erroneamente interpretada como tendo um caráter intra-psíquico, pois o aparelho elaborado por Freud é constituído pelo id, ego e superego mantendo relações de dependência inter-sistêmicas, é completamente interligada ao externo, à cultura, pois os sistemas estão em constante movimento sofrendo contínuas transformações no contato com o Outro, com o mundo, com as transformações históricas que ocorrem na organização social (*on line*).

Estamos com isso, pressupondo que não há dois pólos separados, mas sim, um sujeito que se constitui imerso no social, determinado historicamente o que nos autoriza a pensar também sobre o meio em que vive. Tais informações poderiam nos levar, numa perspectiva psicanalítica, a entender sujeito e contexto social como uma *gestalt*, sendo ora figura e ora fundo. Contudo, é no campo do Outro que o sujeito se constitui e assim, não há como escapar das relações com aqueles que nos cercam e essas são sempre condicionadas pela história, pertencentes a uma dada cultura, numa determinada época. Desta forma, o sujeito humano está atrelado ao seu contexto sócio-cultural, e é neste que construirá sua subjetividade. Para Freud, não passou despercebida a importância do campo da cultura para que fossem pensadas as conseqüências psíquicas no sujeito. A cultura, com suas práticas e valores sociais, produz sintomatologias e marca o psiquismo e o corpo humano, já que não podemos excluir o sujeito de seu mundo.

De acordo com Freud (1921),

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos pulsionais; contudo apenas raramente, e sob certas condições excepcionais a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo como um modelo, um objeto, um oponente, de maneira que, desde o começo a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (p. 91)

Assim, é a partir do postulado freudiano que temos subsídios para pensar o mundo atual e as conseqüências acarretadas para o sujeito na contemporaneidade. Temos, portanto, atualmente teóricos que se propõe a estudar o sujeito na cultura à luz da psicanálise, como Garcia (1998). Ela diz que:

De fato, Freud não apenas produziu alguns trabalhos que têm como tema central a questão do sujeito na cultura, mas, ao afirmar que é a partir do desamparo original que o sujeito humano se constitui no campo do Outro, demonstrou também que a própria definição de sujeito, em psicanálise, é inegavelmente social. Portanto, deste ponto de vista, não há cabimento na tentativa de se discutir a polaridade indivíduo-sociedade, enquanto dois termos diferenciados, na medida em que o sujeito se ancora inescapavelmente no campo do social, se apresentando como uma de suas possibilidades. (Garcia, 1998:01)

Assim, vemos que ao nos referirmos ao sujeito estamos longe de poder descartar a inter-relação que este estabelece com o contexto social em que está inserido. De certa forma, é esta tentativa de articulação que os textos contemporâneos sobre a anorexia nervosa trazem. Seja enfatizando o sujeito ou o contexto, é nessa relação que podemos entender a dinâmica anoréxica. É inegável que estamos hoje diante de um mundo em transformação, e estas mudanças também incidem sobre as subjetividades, exigindo novas formas de elaboração e de posicionamento. Com isso, a cultura traz condições que favorecem o aparecimento de quadros patológicos a medida em que a civilização repousa sobre a coerção das pulsões, como tão bem nos mostrou Freud em seus textos culturais. Embora tenhamos visto que a anorexia não é uma nova forma de sintoma, o sentido e o significado atribuídos pelo sujeito anoréxico varia em cada época, em cada cultura e ainda em cada singularidade. Atualmente, e a literatura sobre o assunto vem comprovar, o lugar do corpo e da magreza é diferente em relação há décadas passadas. Portanto, podemos pensar que além de dizer sobre um sujeito, o sintoma vem falar também sobre uma época, um contexto histórico-sócio-cultural.

A fim de investigar o que a psicanálise nos dias de hoje tem a dizer sobre a anorexia nervosa, destacamos alguns textos que consideramos representativos deste período. A produção psicanalítica atual se preocupa mais em destacar a inter-relação sujeito e contexto sócio-cultural e sendo assim, o estudo da anorexia vem acompanhando a evolução do movimento psicanalítico. Notamos ainda que temas como adolescência, declínio da função paterna e o lugar ocupado pelo corpo na contemporaneidade são incessantemente estudados por psicanalistas hoje e encontram ressonância nos textos sobre a anorexia nervosa que escolhemos trabalhar. No entanto, é por se evidenciar fisicamente e apresentar-se através da magreza que o corpo merece maior ênfase.

### 3.1 – O corpo no cenário contemporâneo

Ao longo do tempo, o aspecto corporal foi mudando, segundo os ditames da moda. Segundo Del Priori (2000) foi no início do século XX que entrou em cena a moda da mulher magra, deixando o corpo ampolheta para trás. Já no final da primeira guerra mundial "a exuberância adiposa" (Del Priori, 2000:65) passou a ser contida por meios de cinta elástica. Mas, é com a emergência da sociedade de consumo que a idealização de um corpo magro como modelo de beleza atinge seu ápice. Herscovici (1997), pensando sobre a escravidão das dietas a que está submetida a mulher contemporânea, procura entender por que são elas mais suscetíveis a pressão cultural. Segundo esta autora é esperado da mulher que mais do que trabalhar e se ocupar da casa, ela deve ser atraente e bela. Além disso, pensar em mulher sempre foi também pensar em seu corpo, numa íntima relação que se deve à possibilidade de gerar filhos. No entanto, mais do que a maternidade, hoje o que é associado ao sexo feminino é a imposição de cuidar de *sua aparência*.

Pensar o *estatuto do corpo como um fato de cultura*, assim como Baudrillard (1970) o fez, permite investigar os ideais e interesses que estão em jogo na sociedade de consumo e sua repercussão na constituição da subjetividade da mulher contemporânea.

Baudrillard (1970) elege o corpo como um dos mais belos objetos de consumo. De acordo com este autor, o corpo da contemporaneidade passa a portar os signos do consumo e é apontado como sendo o resultado da condensação de todos os objetos em um. Está presente em tudo o que nos cerca, na publicidade, na moda, na cultura das massas, fazendo com que sejamos lembrados insistentemente que temos um corpo que deve ser cuidado, ornado, produzido e em última instância, investido tanto no plano psíquico quanto econômico. Porém não se trata de investimento naquilo que o sujeito tem de singular ou específico, mas investimento enquanto *reflexo dos signos do sistema da moda* (Baudrillard, 1970, p.149). Tem-se a ilusão de que o corpo é infinitamente maleável e que o ideal estético pode ser atingido por qualquer um que siga as prescrições culturais de exercícios e dietas adequados. A consequência é que o sujeito investe um montante de cuidados e atenção no cultivo do corpo. A ética moderna do corpo propõe uma inversão de valores, já

que é o sujeito contemporâneo quem serve ao corpo, ao invés de servir-se dele. Sendo assim, pode-se dizer que o final do século XX elege o corpo como o centro das atenções (Costa, 1984).

Na era do consumo a beleza aparece como um imperativo, sendo direito e dever de todos. Mas, a beleza do consumo ou *funcional* como diz Baudrillard (1970, p.149) aparece indissociável da magreza. A ampla divulgação de imagens e a indústria da estética mostram como ideal que se seja magra e esbelta, propiciando o surgimento de uma obsessão pelas dietas e controle do corpo. A beleza passa a ser vendida como possibilidade para todos, cada parte do corpo devendo ser cultivada de acordo com os ditames da moda, reforçando a responsabilidade que cada um tem sobre si e levando todos a consumir. O cultivo e o investimento corporal apontam o que está privilegiadamente no centro da questão quando falamos em corpo: sua aparência. Assistimos, portanto, ao apogeu da relação da beleza corporal com a imagem e o consumo (Carneiro, 1999).

A beleza fabricada torna o corpo objeto de um trabalho intenso, apontando para dois aspectos prometidos pela publicidade: se por um lado o corpo traz a promessa de liberdade, por outro traz o sujeito como servidor do corpo, seu legítimo escravo. As dietas constantes e a obsessão pela magreza levaram Wolf (1990) a demonstrar a semelhança entre o culto da beleza e o culto religioso que advoga a purificação. Atualmente, sair da dieta, não fazer exercícios, deixar o cuidado do corpo de lado são considerados verdadeiros pecados e apontam para a transgressão das mulheres. Através destes dados, não é difícil lembrarmos a prática do jejum de séculos atrás referida anteriormente.

Neste contexto, cultivar o corpo é, em última instância, cultivar a imagem do corpo. Como modelo de beleza contemporâneo temos a imagem das modelos e manequins. Magras e descarnadas, ao mesmo tempo negam a sexualidade e exaltam a moda. Estariam as anoréxicas identificadas a este modelo de beleza? O que buscam as mulheres ao se submeterem a dietas e exercícios incessantes? Não seria intrigante este caminho que vai do cuidado excessivo da estética corporal para descambar num corpo descarnado, esquelético, estranho a si mesmo? Vemos, portanto, que a anorexia engloba o ideal de beleza atual, se utilizando dele como modelo de beleza identificatório, como nos mostra Rodolfo (2001). No entanto, a anorexia extrapola a busca por este ideal, ainda que atualmente se utilize dele para evidenciar através do corpo conflitos psíquicos.

Costa (1984) recorrendo ao texto de Baudrillard (1970) mostra como a conversão do corpo em objeto de consumo alterou profundamente a representação que o sujeito tem de seu próprio corpo, sendo este um dos componentes de sua identidade (p.178). Atendendo as necessidades político-econômicas do capitalismo tardio a imagem do corpo foi culturalmente transformada. A imagem do corpo ideal passa a ser marcada de conotações simbólicas de sucesso, autocontrole, autodisciplina, liberação sexual, classe e competência. Sendo assim, a magreza porta os valores da sociedade de consumo passando a ser uma grande preocupação da contemporaneidade. Isto porque a proximidade do corpo ao ideal de beleza passa a interferir nas relações com os outros, levando a crer que aqueles que atingirem este padrão de forma corporal alcançarão tudo o que buscam, desde sucesso na profissão, nos relacionamentos sociais e até nos relacionamentos amorosos. Desta forma, a sociedade, através da imagem de seus corpos, dispõe a seus membros liberdade, promessa de bem-estar e inúmeras possibilidades que levam à felicidade. Esta é a faceta que demonstra a excelência do regime em que estamos inseridos.

Mas, por outro lado sabemos que o avanço das tecnologias, ou melhor, todo o progresso civilizatório traz conseqüências drásticas à sociedade e efeitos à subjetividade na contemporaneidade. E é este mesmo corpo que é utilizado na tentativa de que a imagem ideal veiculada possa lidar com os males do progresso. O modelo de beleza vigente é inatingível e, no entanto este fato é ignorado pela publicidade que o oferece como tentativa de encobrir as dificuldades que assolam o sujeito contemporâneo. As imagens belas difundidas não demonstram a constante violência urbana, a crise econômica, a corrida contra o relógio no dia-a-dia e ao contrário disso, condensam as promessas e possibilidades que o sujeito não consegue satisfazer no cotidiano (Carneiro, 1997). Visto desta forma, paradoxalmente, o corpo descrito parece portar a salvação para os males contemporâneos e também os próprios males em si, revelando mentiras e ilusões.

Segundo Baudrillard (1970), a sociedade do consumo apresenta a morte e o prazer ao indivíduo através de sua imagem corporal redundando em violência e na conseqüente preocupação narcísica com o corpo. Mas, de acordo com Costa (1984), o prazer do corpo do consumo é inatingível, de modo que as chances de o sujeito encontrar satisfação em sua realidade corpórea ou em sua imagem egóica são diminuídas. Seria este o estado de violência que pressiona o sujeito contemporâneo (p.183).

E como entender que um número alarmante de mulheres esteja se autodestruindo fazendo com que a beleza e a elegância visadas na origem se transformam em meros álibis para o exercício disciplinar cotidiano, de uma obsessiva prática de restrição alimentar? Este fato torna-se ainda mais curioso se pensarmos que a própria sociedade de consumo não suporta e exclui por princípio toda norma restritiva (Baudrillard, 1970). É justamente neste ponto que insiste a anoréxica. Seu corpo, distante da beleza, em sua materialidade e sexualidade, passa apenas a servir de suporte para aquilo que não pode ser dito ou expresso de outra forma. Em meio a uma sociedade de abundância, onde objetos estão disponíveis e são oferecidos insistentemente, assim como a felicidade é mostrada como sendo possível e estando ao alcance de todos, a anorexia se faz presente, insistindo em comer *nada* (Ménard, 1994). Que o alimento não é somente objeto de uma necessidade é o que evidencia a anoréxica em sua manifestação. É nessa recusa de alimento, nos diz Ménard (1994), no nada que a anoréxica come que aflora seu desejo. No vazio criado pela privação, do nada se espera um todo. Mas, afinal, o que quer a anoréxica hoje?

### **3.2 – E hoje? O que os psicanalistas dizem sobre a anorexia nervosa?**

Silva (1992) discutiu, em um trabalho apresentado no Fórum de Psicanálise de 1991, um caso de uma jovem anoréxica atendida durante meados da década de setenta, fazendo logo de início a ressalva de que trará uma "vertente moderna na maneira de enfocá-lo" (p.190). De acordo com a concepção deste autor, o anoréxico com episódios bulímicos, como no caso descrito por ele, sente como sendo ameaçadora quaisquer incorporações e movimentos identificatórios e daí a recusa do objeto. O alimento, visto como um objeto perigoso, passa então a ser evitado. No entanto, o relato de Silva (1992) refere-se a uma jovem que não consegue restringir a alimentação todo o tempo. Nesse caso, apesar de ameaçado, o sujeito vive o desejo de incorporação deste objeto, já que o alimento é, ao mesmo tempo, temido e desejado. Seria esse desejo de incorporação que explicaria para Silva (1992) o movimento canibalístico de ingerir grandes quantidades de alimento visto em anoréxicas-bulímicas. Para este autor, a desistência da alimentação realizada pelo sujeito anoréxico é entendida como uma tentativa de estar sozinho, numa busca de

individação e separação do outro. Seria a tentativa de estar só na presença do outro. Isto demonstra o poder conferido ao outro, impossibilitando o sujeito de existir separadamente. É também no corpo descarnado que a diferença almejada é enfatizada, pois ter o corpo igual às outras pessoas seria perder sua individualidade, deixar-se consumir. Para compreender a anorexia, Silva cita Deleuze, afirmando que esse filósofo positivou o desejo anoréxico, pois entendia este sintoma como "uma política, é um escape aos horários, aos ritos, às normas do consumo, escape para não se tornar um objeto de consumo. É um protesto feminino (...) contra a dependência" (p.190). Sendo assim, na concepção de Silva recorrer à anorexia seria uma forma do sujeito se posicionar, dizer sobre seu desejo, ainda que leve seu sintoma às últimas conseqüências. Nesse artigo, vemos que a mensagem que o sujeito anoréxico tem a demonstrar é também uma forma de existir, não se enquadrando e respondendo a demandas sociais, como a imposição da lógica do consumo onde somos todos objetos.

Neste mesmo Fórum, outro trabalho foi destinado à anorexia. Neste artigo, que também trata de um relato de caso, Garcia (1991) destaca um regime para emagrecer como a principal motivação consciente que levou ao desencadeamento da anorexia numa jovem. Em suas palavras:

"Trata-se de uma recusa alimentar patológica em que o sintoma aparentemente principal é a relação altamente conflitiva que a pessoa passa a estabelecer com a comida" (p.212).

Para esta autora, seria esta relação conturbada com a comida que daria ao sujeito a sensação de triunfo sobre a família e sobre o próprio corpo, já que ambos se tornam parte do conflito. É interessante ressaltar que Garcia enfatiza o desejo por um corpo magro nos casos de anorexia nervosa, mas, no entanto, considera que este é apenas um motivo aparente e, portanto, consciente nesta dinâmica, e que encontra sustentação na exigência social da magreza. Entretanto, Garcia (1991) chama atenção para o fato da anorexia extrapolar esta busca pelo corpo ideal. Chama-lhe atenção o fato de que

(...) os motivos aparentes e conscientes, de querer emagrecer por razões estéticas, vão se tornando insustentáveis. A silhueta esquelética há muito trai qualquer desejo de ficar mais bonita ou 'sexy' (p.213).

Assim, se evidencia na anorexia a contradição entre a busca pela beleza representada pelo corpo magro e o que realmente estes sujeitos se tornam ao almeja-lo, uma vez que passam a se aproximar muitas vezes da morte. Desta forma, não é na magreza que se encerra a questão, ela é apenas uma parte, já que Garcia entende que a busca pela magreza é apenas um pretexto, pois na verdade, há outros motivos inconscientes que determinam a anorexia nervosa. Mais adiante, no trabalho, Garcia destaca o perigo pulsional trazido pelo ato alimentar. A alimentação não é mais somente necessidade e fonte de prazer, mas também uma ameaça na anorexia. O alimento deixa de ter uma função de auto-conservação e passa a ser erotizado e por isso, perigoso. Para Garcia, o que está no centro do conflito anoréxico não é apenas a recusa, mas sobretudo o gozo derivado desta recusa obtido pela manipulação e controle que a anoréxica passa a exercer sobre tudo.

Garcia aponta também para outras questões cruciais na anorexia como por exemplo a ligação com a adolescência. Ela diz que a adolescência é um

(...) período da vida que a sexualidade é redespertada de forma intensa e agora habita um corpo potente. É justo quando menstrua e se vê portadora de um corpo como o da mãe, capaz agora de engravidar e de sentir prazer que a adolescente adoece. É, portanto, justo na adolescência, quando os objetos edípicos entram em cena novamente, desta feita atrelados a um corpo libidinal potente, que ela regride (p.214) .

Para Garcia (1991), a adolescente adoece e regride ao desenvolver a anorexia como sintoma e, segundo ela, isso se deve à dificuldade em lidar com peculiaridades deste período da vida que não são possíveis de serem vividos de outra forma. O sintoma anoréxico evidencia assim, o conflito do sujeito. Garcia (1991) demonstra que a dificuldade alimentar vem encobrir a dificuldade em crescer e tornar-se um indivíduo com vontades próprias. É este o aspecto regressivo que incapacita a anoréxica de obter autonomia e tornar-se independente. Ainda de acordo com ela, a amenorréia expressa a dificuldade com a feminilidade, com o corpo sexual e pode representar ainda, a associação com a gravidez. Estes são elementos que evidenciam a dificuldade em tornar-se mulher. Ter o corpo saudável e com curvas traz à menina a possibilidade de que seja assumida a sexualidade e os atributos de ser uma mulher, o que ocorre principalmente na adolescência, período em que de acordo com Garcia eclodem dois terços dos conflitos alimentares. É através da indentificação edípica com a mãe que a menina torna-se uma mulher, e o que vemos na anorexia é uma falha

identificatória neste nível, que atrelada à intensidade da pulsão sexual impede no sujeito anoréxico a integração entre o corpo sexual e o eu. Assim, o corpo, dissociado do eu, passa então a ser tratado com descaso, sem que as necessidades vitais, como a fome, possam ser reconhecidas.

Para Garcia, na anorexia há uma relação de compromisso estabelecida entre o sujeito e seu corpo, e é almejando a beleza que a anoréxica recorre a regimes alimentares e os utiliza como desculpa. O corpo passa a ser o locatário do sofrimento psíquico que não pode ser expresso de outra forma. Assim, o conflito na anorexia segundo ela não é vivido na esfera psíquica, mas deslocado para a relação conflitiva com o próprio corpo e com os alimentos. Na tentativa de negar as necessidades do corpo a anoréxica sente-se onipotente, demonstrando poder e soberania. Mas, ainda assim fracassa e o corpo passa a ser um elemento estranho, desejado e temido, dificultando o reconhecimento da própria imagem corporal. A menina com anorexia, muitas vezes, mesmo magra demais não se reconhece como tal. A magreza excessiva aproxima da morte e mesmo em seu confronto direto é negada ou não traz interrogações, o que faz Garcia comparar tal descaso à *belle indifférence* das histéricas. Assim, esta autora aproxima a histeria da anorexia, pois considera que o sintoma anoréxico se inscreve dentro de um modo de funcionamento tipicamente histérico, sendo a questão central descobrir "o que quer uma mulher?".

Assoun (1993), é outro autor que, ao dissertar sobre Freud e a mulher, considerou a anorexia como uma manifestação tipicamente feminina e relacionada à histeria, pois viria exprimir algo que para ele seria essencialmente referente à feminilidade. Este autor revela que a anoréxica parece responder a pergunta freudiana sobre o enigma da mulher, pois seria ela que no espetáculo encarnado em seu corpo saberia o que quer. Para Assoun, a anoréxica por excelência tem a fome e a sexualidade em campos separados, o que se justifica através do curto circuito da sexualidade com a função nutricional. Considerando o primeiro dualismo pulsional, Assoun comenta como a anoréxica é bem sucedida ao tentar apaziguar a emergência do desejo sexual, e tenta dominá-lo através do controle do corpo. Na anorexia, a dialética entre o querer e o desejo estaria expressa justamente pelo bloqueio da alimentação, obtido através da obstinação de que nada deve entrar no corpo. O querer estaria dominado através de um corpo que nada demanda, para que então o desejo pelo outro possa ser negado. A anoréxica não quer dever mais nada a ninguém e segundo

Assoun é, sobretudo, à demanda materna que a anoréxica responde não querendo saber sobre seu desejo. O corpo erotizado na anorexia passa a ser o seu refúgio onde qualquer apelo ou ameaça vinda de fora auto-engendra o sintoma.

Bidaud (1998), psicanalista francês, traz um estudo aprofundado da relação entre a privação anoréxica e as condutas religiosas de abstinência alimentar, que ele conclui como sendo similares. O estudo deste autor é denso e toma emprestado noções da religião que para ele relacionam-se com a anorexia. Bidaud ressalta que a relação com o alimento estabelecida pelo sujeito anoréxico é mortífera, sendo o alimento entendido como um objeto tentador, dotado de um infinito poder de atração e repulsa. Este autor enfatiza que dentre as relações de objeto o que vem chamar atenção na dinâmica anoréxica é a peculiaridade da relação mãe-filha, que cria um espaço de domínio entre elas em que é também estabelecida uma aliança e dependência intensa. Na anorexia, a mãe, como um objeto, não se separa da filha, formando uma "continuidade fusional" (p.74) e não havendo ausência ou falta. Nesse caso, a mãe da anoréxica não reconhece sua própria castração, é fálica e a criança vem a ser o seu falo. Ao pai não é permitida a entrada como um terceiro que poderia romper a díade, mas apenas lhe é relegado um papel passivo, operando contra a triangulação necessária à constituição do sujeito. A separação criaria um terreno impossível para uma mãe que, sem seu objeto, perderia o controle. Por isso, a menina sendo o único objeto da mãe, não permite que haja espaço para a sedução paterna e tampouco para que algo falte, pois a filha vem completar a mãe. Ora, a anoréxica vive a falta da falta, pois não há representação psíquica para a falta e tampouco a possibilidade de que esta seja reconhecida pela mãe. Segundo Bidaud, é recusando o alimento que a anoréxica mantém a ilusão de que ninguém pode recusar-lhe algo, mantendo sua condição onipotente. Desta forma, através desta dinâmica se protege dos outros, vistos por ela como ameaçadores. Para este autor, não há espaço para a sedução vivida na relação com o outro, pois a anoréxica seria "'intocada' pelo desejo do pai e 'tentada' pela mãe" (p.75).

Ela se isola do desejo dos homens e inscreve em seu corpo a marca de sua estranheza. Ela apagou de seu corpo todo sinal exterior de feminilidade, e disfarçou os aspectos salientes de seu sexo, ou então deles oferece, em seu descarnamento, uma versão grotesca e ridícula. Ela está desencantada, dessexualizada (p.75-76).

A relação mãe-filha característica da anorexia e as peculiaridades do que dela resulta em sua inscrição corporal, além da dificuldade com a feminilidade e o tornar-se mulher são o que possibilita a aproximação que Bidaud estabelece entre essa patologia e a histeria. Neste sentido, Bidaud concorda com Garcia e Assoun e associa a anorexia à histeria. Embora ambas sejam muitas vezes avessas, elas também se assemelham pelos aspectos de escândalo trazidos pela aparência esquelética do corpo da anoréxica, que em muito lembram o mecanismo conversivo das histéricas. De acordo com ele:

Se a histérica, na sua paródia enganadora do convite sexual, com sua dança aliciadora, debate-se com a sedução e a utiliza como uma armadilha para submeter os homens, a anoréxica recusa-se a isso (p.76).

A anorexia se nos oferece em poses, crises, ataques. Se a histérica pode ser 'teatral e encantadora', a anoréxica dando-se a ver descarnada, exalta um fascínio gelado. Provocando o olhar ela o perturba. 'A magreza é mais indecente que a gordura' (p.11) .

Sendo assim, ambas parecem ter as mesmas questões como pano de fundo, ainda que expressas diferentemente e é o que leva Bidaud a considerar a anorexia como, levada ao limite, a forma moderna e exemplar de um conflito específico da mulher. Ainda que uma provoque a sedução e o encantamento, e a outra o horror, são ambas maneiras de se dirigir ao outro. Sendo assim, podemos criar a hipótese de que para Bidaud a anorexia é uma roupagem da histeria.

Scazufca (1998b) ao estudar a anorexia nervosa relata ser esta uma manifestação que há duas décadas aparece estritamente associada ao que se refere à mulher, à imagem de um corpo ideal, à moda e à morte. Sua difusão na mídia ocorre em associação a dietas, moderadores de apetite e cirurgias estéticas. Apesar de considerar a pertinência do contexto em que se constitui a anorexia, Scazufca desloca o foco de sua discussão para a singularidade do sujeito que emerge numa análise. A partir do relato de um atendimento psicanalítico realizado em decorrência de uma internação, esta autora destaca a paixão pela magreza que sua paciente porta, mostrando que vai além da busca de um ideal cultural. A anorexia é vista então como uma forma de dizer sobre si e portanto, um meio para que uma análise ocorra.

Esta não pode ser entendida apenas como uma procura por um ideal de beleza impossível de se alcançar, ou por uma obsessão pelo baixo peso. Observamos que esta paixão, representada por um ato (compulsivo e imaginário) pode ser transformada numa experiência analítica (...) (Sczufca, 1998b:22)

Assim, Sczufca chama atenção para o fato de que a anorexia possibilita o acesso aos significados que singularmente a magreza pode ter, além de seu aspecto social. Para Clara, a paciente em questão, a paixão pela magreza está referida ao desejo de ser imortal, característica apontada pela autora como comum nesses sujeitos. Portanto, há na concepção desta autora, a ampliação do entendimento da paixão pela magreza na anorexia, restrita à busca de um ideal de beleza contemporâneo, para a escuta do que venha representar para cada um. Sem desconsiderar o contexto, o foco é aqui o sujeito.

Sczufca destaca a importância de duas noções psicanalíticas, passagem ao ato e pulsão de morte, na compreensão da anorexia e opta pensar esta patologia através da conceituação proposta por autores como Heckier (1995) e Zaltman (1994). Este último, na concepção de Sczufca, entende a anorexia como sendo uma forma aditiva, ressaltando o vínculo de sujeição entre o sujeito e o alimento, na qual, o sujeito se torna escravo do objeto, ambos dependentes e profundamente ligados um ao outro. Sczufca esclarece que o termo *adicto* significa etimologicamente *escravo*, mas também *não-dito* e é nesta vertente que a prática clínica pode ser sustentada. O paciente anoréxico, impossibilitado de dizer de outra forma, atua através dos sintomas e com isso a dimensão do ato se faz presente na clínica através de silêncios e crises entre o sujeito e seu objeto, no âmbito analítico representado pela figura do analista na relação transferencial. Através da passagem ao ato, o desejo busca satisfação e o sujeito fica fora da cadeia significante, preso a seu não dizer e à impossibilidade de falar de si. Ainda na visão de Sczufca, a anorexia é predominantemente dominada pela pulsão de morte, sendo uma "façanha física à procura de esgotamento" (p.24), na qual a descarga da pulsão de morte que poderia dar movimento a uma relação aprisionante se encontra falho, deficiente. Para relacionar a anorexia à pulsão de morte, Sczufca se apropria da explicação de Zaltman (1994). Assim, diz ela:

Inicialmente, enfrentar os limites de resistência está a serviço da autoconservação e da individuação. Quando esta ação pulsional, experimentada através da exposição ao perigo, torna-se para o sujeito uma necessidade vital interior, quando só o enfrentamento da morte pode

assegurar que ele está vivo por sua própria vontade e não pela vontade de um outro arbitrário, que pode também abandoná-lo, a função vital de autoconservação, necessariamente repetida, pode levar à morte real, ao contrário de sua intenção. Há um desfusão da pulsão de vida com a pulsão de morte e esta última passa a prevalecer. (Scazufca, 1998b:24)

Assim, esta autora destaca que a anorexia é uma saída vital e demonstra seu paradoxo. A anoréxica vem demonstrar que sua busca pela vida, pode passar muitas vezes pela proximidade da morte e daí o perigo e a delicadeza deste quadro. Para Scazufca, a predominância da pulsão de morte na dinâmica anoréxica revela sua vertente auto-destrutiva que a aproxima da morte, mas torna ainda claro, contudo, a sobrevivência como finalidade. Expor-se à morte, é também demonstração de que se está vivo, já que é correndo risco de vida que o sujeito anoréxico pode se defender de um perigo vital ao mesmo tempo em que se reconhece vivo. Segundo a autora esta é a experiência-limite, que ao mesmo tempo em que parece anular qualquer possibilidade de escolha, é a própria escolha em si. Ora, a aproximação entre anorexia e morte leva a crer que resistir a esta se torna a própria razão de viver.

A importância da concepção da anorexia em Scazufca (1998) reside no fato de que esta autora privilegia a singularidade de cada sujeito que se manifesta através deste sintoma sem menosprezar a influência da moda e identificações sociais, que ela, no entanto, entende de forma singular, caso a caso. Assim, a magreza almejada, o horror à gordura e a busca pelo corpo ideal pertencem à própria fantasmática dos sujeitos anoréxicos e, assim como os identifica, portam diferentes sentidos que são manifestos de diversas formas nas três estruturas clínicas psicanalíticas. Para ela a anorexia não pode ser considerada como uma entidade psicopatológica específica, o que se justifica pelos mecanismos de defesa que variam de acordo com o aspecto singular de cada expressão anoréxica. Desta forma, Scazufca (1998) entende que o sintoma anoréxico pode ser encontrado tanto na neurose quanto na psicose e perversão.

Garcia (*op. cit.*), assim como Jeammet, Brusset e outros, salienta, e as próprias estatísticas demonstram, que a maior incidência da anorexia nervosa ocorre na adolescência. Sendo assim, para eles a recusa alimentar é vista como uma problemática característica deste período. Dentre os autores que enfatizam a relação entre anorexia e adolescência, Rodolfo (2001) faz uma diferenciação entre o que considera como sendo

anorexia verdadeira e os transtornos das condutas alimentares, como Jeammet se refere, ou dietantes, como a própria denomina. Seriam tanto os transtornos das condutas alimentares quanto dietantes o que estaríamos aqui entendendo como anorexia nervosa e que para esta autora seria encontrada na clínica com adolescentes e pré-puberes. Resumidamente, o que seria então considerado como anorexia por ela são "os transtornos que implicam um buraco no corpo (...) algo que foi inscrito, em sua negatividade, na superfície do corpo" (p.134). Esse buraco implicaria na perda da atividade da zona erógena, seu desmantelamento, originando na perda do corpo. Entretanto, não é a isto que se deve à anorexia nervosa. Para ela, os transtornos da modalidade alimentar são característicos do momento pubertário e adolescência das mulheres. A este momento correspondem as mudanças corpóreas que são vividas com estranheza, assombro e são ressaltadas pelo olhar do outro. A patologia na adolescência é um caminho para que seja neutralizada a erogeneidade genital do corpo, obedecendo a uma dupla função: ao mesmo tempo em que evidencia a existência do conflito, aplaca a angústia do sujeito. Rodulfo (2001) esclarece que em se tratando da anorexia a neutralização ocorre como ataque biológico, sendo todo o corpo, a própria vítima.

Rodulfo concebe a anorexia como uma tentativa de reconhecimento e a busca por uma identidade. Assim, exibir sua aparência esquelética aos olhos dos outros e poder se dizer anoréxica é também uma forma de se fazer existir. Ela afirma que o contexto social em que as adolescentes estão inseridas torna-se preponderante para entender a obstinação destas jovens em ter o corpo ideal. Deste modo, a ênfase desta autora na compreensão da anorexia recai sobre a luta contra a fome e a obstinação em emagrecer, sendo o jejum um sacrifício da vontade de comer. No cenário atual, o corpo é oferecido ao imaginário social como objeto de culto e devoção, estando aprisionado à estética e dietas incessantes. Segundo Rodulfo, o corpo ideal apresentado pelas imagens televisivas se distancia de um corpo libidinal e passa a se assemelhar ao que ela chama de "corpos de bonecas" (p.138) que não têm carne, não comem, menstruam, ou evacuam. É difundido que ser belo é ser como as modelos, que magérrimas nas passarelas ou fotos apresentam seus corpos-ossos, quase como sendo um cabide humano. No entanto, as adolescentes não as vêem assim. É curioso que o desejo de reconhecimento na anorexia não visa o desejo de alteridade, mas, "aproximando-se do ideal despótico, conduz ao sacrifício daquela alteridade: há um

momento em que todas as bonecas são iguais entre si". (Rodulfo, 2001:138) Ao mesmo tempo em que atingir a imagem ideal, assemelhando-se a todas as outras, implica no risco de perda da identidade, sendo esta justamente o que Rodulfo sustenta como o pilar daquilo que a anoréxica almeja, é também a maneira de alcançar o reconhecimento do outro. Para esta autora, uma identidade é alcançada a partir deste reconhecimento, e é através do mecanismo da identificação que o sujeito anoréxico encontraria nas modelos publicitárias oferecidas pelos dispositivos sociais sua via facilitadora. Assim, é através da identificação com as modelos que as adolescentes procuram se assemelhar ao padrão estético proposto, obtendo assim, o corpo idealizado. A partir de uma ilustração clínica Rodulfo descreve três etapas deste processo. De acordo com ela, é através da mídia que Claudia, como denomina, aprendeu os métodos de dietas e vômitos para tornar-se magra, ou seja, adquirir os sintomas anoréxicos que lhe garantiriam o padrão longilíneo. Assim, o primeiro passo seria a identificação com esse modelo de corpo socialmente valorizado, que de ideal de corpo seria encarnado como corpo-ideal. O passo seguinte seria representado pelo o início de restrições alimentares e, por último, a utilização de métodos emagrecedores difundidos pelos meios de comunicação, tais como exercícios incessantes, vômitos, ou uso de laxantes, que Rodulfo destaca como sendo o que possibilita unir jovens em busca de um mesmo ideal. Esse aspecto é entendido por ela como "identificação por contágio" (Rodulfo, 2001:141), que Freud considerou como identificação histórica, e que se torna o "paradigma desta patologia contemporânea e de sua difusão social" (p.141). Rodulfo esclarece:

Produz-se um tipo de efeito circular; a identificação por contágio, levada à potência máxima pelos meios de comunicadores instituídos, gera um aumento do contágio da doença, o que, por sua vez, retorna e incrementa o caráter grupal que já tinha, uma espécie de culto de imitadoras ou fanáticas da *anoréxica-ideal*, cujo retrato concreto pode estar muito bem representado pela 'modelo' de plantão. Ou seja, que o grupo das *dietantes*, segundo a conceptualização de Freud, compartilharia do mesmo *Ideal do Eu Anoréxico*. (Rodulfo, 2001:141)

Assim, podemos observar que a interação entre o sujeito anoréxico e o contexto em que se insere, no entender de Rodulfo, ocorre pelo mecanismo da identificação e busca dos ideais. Num nível de identificação vertical todas almejam ser como a "anoréxica ideal" (p. 141), que como ideal de corpo é vinculada pela mídia sendo corpo-ideal. Horizontalmente, essas jovens se identificam umas com as outras e passam a adotar um mesmo comportamento.

Ao mesmo tempo em que buscam uma identidade e a possibilidade de se diferenciar, acabam por se igualam, sendo a identificação de tipo histórico o mecanismo privilegiado adotado pelas anoréxicas, de acordo com Rodolfo (2001).

Um ponto comum na literatura psicanalítica sobre a anorexia nervosa neste início do século XXI é a constante menção de algumas características da atualidade, como a busca pelo corpo ideal, por exemplo. Sendo assim, as configurações subjetivas decorrentes das mudanças experimentadas na lógica sócio-cultural atual e o lugar ocupado pelo corpo e pela magreza enquanto ideal de beleza predominante têm lugar de destaque na recente concepção sobre a anorexia. Justus (2002a, 2002b) concebe a anorexia nervosa como sendo tanto um distúrbio da oralidade, quanto uma das patologias da contemporaneidade. A anorexia é entendida por ela (Justus, 2002b) como um dos paradigmas da atualidade e

(...) a expressão do mal estar na cultura em uma sociedade consumista: onde impera o conforto e a abundância, a anoréxica e a bulímica criam o desconforto e a falta. 'Elas se consomem' (*on line*)

A idéia proposta por Justus vai de encontro àquela trazida por Silva (1991) e enfatiza que no contexto onde impera uma profusão de objetos a anoréxica vem denunciar algo, demonstrando não precisar de nada. Na tentativa de não ser um mero objeto de consumo nessa sociedade, o sujeito anoréxico utiliza seu corpo como meio de expressão para se fazer presente, evitando se defrontar com a angústia e ao mesmo tempo revelando seu sofrimento. Este é indizível, não há palavras que possam traduzi-lo. Na anorexia é o corpo que fala na insuficiência de simbolização.

Em lugar de expressar-se com palavras, faz aparecer, escrito no corpo, como se tratando de uma metáfora, aquilo que não pode ser dito, seja porque é muito doloroso, seja porque lhe é desconhecido. Magreza que se faz signo, como aquilo que se 'faz ver', que se expõe mudo ao olhar do outro. Faz signo, pede uma resposta, porém, não se interroga. (Justus, 2002b, *on line*)

É por esta falta de interrogação que Justus considera o posicionamento anoréxico passivo em relação ao modo no qual o sofrimento do sujeito é manifestado. No entanto, a dor psíquica evidenciada no corpo e todo o envolvimento com comida, dietas e peso são também aquilo que vem representá-la, constituindo uma identidade. Nesse sentido, Justus

(2002b) concorda com Rodolfo (2001) quando ela diz que se dizer anorético é uma forma de se posicionar subjetivamente e, dizendo-se anorética, identificar-se.

Para Justus, a imagem e a estética, assim como a imposição de responder ao ideal pregado, têm lugar de destaque na atualidade e são características que atuam como facilitador da anorexia.

Na medida que as sociedades ocidentais têm uma expectativa de que o corpo bem sucedido seja longilíneo, um corpo magro, o resultado é que esse imaginário social, por falta de elaboração, propicia, direta e indiretamente, a manifestação de distúrbios da oralidade, tais como, a anorexia e a bulimia.  
(*on line*)

Assim, vemos que na visão desta autora são ressaltadas as peculiaridades do cenário em que vivemos e o mal estar contemporâneo na economia psíquica dos sujeitos anoréticos. Para ela, algumas questões próprias da dinâmica anorética encontram ressonância nas modificações sócio-culturais que servem de apoio para a intensificação do conflito.

Especial destaque é dado a uma notável característica pertencente à dinâmica anorética e apontada pela quase unanimidade dos estudiosos desta patologia: a forte ligação existente entre mãe e filha. A abordagem de Justus, apesar de a primeira vista parecer repetitiva, pois enfatiza o relacionamento mãe/filha, tem a particularidade de deslocar o foco desta relação para o apagamento da figura do pai. Há, portanto, uma mudança de ênfase no que se refere aos aspectos intrapsíquicos do sujeito anorético que se tornam secundários em relação ao contexto em que este se insere. Seguindo esta linha de raciocínio, o que é paradigmático da atualidade e interessante para pensar a anorexia, de acordo com Justus, é a falência da função paterna que aqui encontra expressão na mudança do lugar ocupado pelo pai e que torna deficiente o exercício de paternidade. A intensidade que une mãe e filha, portanto, passa a se fazer ainda mais presente hoje, criando o que Justus, citando Bidaud, classifica como "uma cilada narcísica" (*on line*). Na adolescência, período propício ao desencadeamento desta patologia, este forte elo se presentifica e o olhar do pai, já falho na dinâmica anorética, se torna ainda mais ausente. Justus enfatiza a importância do par ver e ser visto nesta fase, pois a adolescente é demandante de olhar e seria este o "momento de obter o reconhecimento, de consolidar a identificação, momento de ser vista" (*on line*). Assim, Justus destaca o olhar como condição de existência para a anorética, pois é este que

poderá romper o laço com a mãe, reconhece-la como mulher no momento em que ascende à feminilidade e garantir sua existência. O pai, ausente para a anoréxica, é fundamental para a subjetivação, pois permite tirar a criança da relação imaginária com a mãe, demonstrando que não é a criança quem falta à mãe e tampouco aquela é o único objeto de amor desta. Desta forma, o pai vem estruturar o sujeito, fazendo também com que este possa se situar na partilha dos sexos, se reconhecendo como homem ou mulher. Mas, parece que é justo aí que falha a anoréxica e vem demonstra-lo através de seu descarnamento.

Assim, vimos que a ampla maioria dos artigos contemporâneos sobre a anorexia nervosa destaca as mudanças ocorridas na sociedade, sobretudo o que concerne ao corpo magro como sendo o ideal de beleza almejado. Podemos notar ainda uma divisão que diz respeito à estrutura que a anorexia pertence. Enquanto autores como Garcia (1991), Assoun (1993) e Bidaud (1998) ressaltam claramente a associação entre a anorexia e a histeria, outros parecem não considerá-la como um sintoma histérico ou como uma entidade específica, mas como estando presente de diversas formas nas várias estruturas, como é o caso de Scazufca (1998). Ainda que todos concordem sobre a busca pela magreza, os autores divergem quanto à importância atribuída a ela na anorexia e ainda à influência exercida pelo padrão de beleza da sociedade contemporânea nesta dinâmica. Para alguns, a exigência social de um corpo magro é apenas pano de fundo para a questão, como Scazufca e Garcia. Estas autoras consideram que o regime para emagrecer serve apenas como uma motivação consciente e a relação com a comida vem denunciar algo subjacente. A magreza seria o motivo aparente que se justifica por sua exigência social. Já Rodolfo ressalta o papel dos corpos magros difundidos pela sociedade atual. Estes servem como pólos identificatórios e funcionando como ideal passam a ser almejados pelos sujeitos. Nesse sentido, ênfase na magreza no cenário contemporâneo não é só facilitadora, como acredita Justus (2002), mas agente.

As características do cenário atual, considerado como uma sociedade que tem sua lógica voltada para o consumo, também são apontadas. Silva e Justos entendem a anorexia como uma resposta a esta lógica, uma tentativa de reivindicação e recusa de tornarem-se objetos, como tudo o que as cercam. Desta forma, cada um a seu modo contribui ao

entendimento da anorexia nervosa. O importante em demarcarmos aqui é a ênfase que estes artigos trazem no contexto e a relação que o sujeito estabelece com ele.